

Grevistas hostilizam candidato

São José dos Campos — O candidato do PMDB a presidente da República, deputado Ulysses Guimarães, foi vaiado ao chegar para uma reunião com militantes de seu partido na região do Vale do Paraíba. Ulysses chegou ao cine Palácio, no centro de São José dos Campos, cidade com cerca de 450 mil habitantes a 100 quilômetros de São Paulo, as 11h30, com uma hora e meia de atraso, quando o aguardavam, além dos peemedebistas, cerca de 150 manifestantes, a maior parte deles professores da rede estadual de ensino, em greve há 45 dias por melhores salários. "Onde há democracia a sociedade se manifesta. Nós respeitamos, embora possamos discordar", disse o candidato do PMDB, assim que chegou ao palco do cinema.

Uma das placas que os professores carregavam perguntava: "A melhoria do ensino faz parte de seu programa?" O deputado, quando perguntado qual seria o tópico principal de sua campanha, respondeu indistintamente à questão. "A minha campanha é no sentido de alargar os espaços sociais. A situação do Brasil se compara à do Haiti, o que é um absurdo em termos de educação e saúde e no plano social".

Ulysses deve enfrentar em sua corrida ao Palácio

do Planalto o desgaste gerado pelas administrações peemedebistas. No entanto, Ulysses não acredita que manifestações como a de ontem possam prejudicá-lo. "Não sou governador, sou mediador", esquivou-se informando que já conversou com o governador Orestes Quêrcia sobre a questão dos professores e que vai voltar a procurar o governador de São Paulo.

Ulysses não pretende, pelo menos por enquanto, licenciar-se da Câmara Federal. "O Congresso Nacional tem trabalhos essenciais a cumprir, explicou, depois de afirmar que pediu aos presidentes da Câmara, Deputado Paes de Andrade, e do Senado, Senador Nelson Carneiro, que agilizem a votação das leis complementares da nova Constituição. Ao falar sobre a moralização do Legislativo, Ulysses fez questão de sublinhar que em três anos na presidência da Câmara não nomeou um contínuo sequer".

As pesquisas de intenção de voto, que apontam o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, como favorito do eleitorado, não preocupam Ulysses. "Já houve candidatos que estiveram na liderança e já não estão mais", afirmou. "Eu estava no vestiário e não tinha entrado em campo.

Mas agora entrei em campo", disparou. Mesmo dizendo que o discurso que faz há vinte anos, como afirmou, é bem recebido, Ulysses admite que pode mudar. "Os discursos variam de acordo com o ritmo da campanha. Se for necessário vamos nos ajustar", ponderou.

Um ajuste necessário na campanha peemedebista é a sintonia entre a cabeça-de-chapa e o vice Waldir Pires. Enquanto Ulysses acredita que as eleições presidenciais não correm risco — "temos 20 anos de experiência de governo autoritário. Os problemas ficaram acumulados. O povo sabe disso e os militares também", afirmou —, Waldir se mostra preocupado com o momento. "Temos que estar todos vigilantes para manter o processo democrático", ponderou.

Apesar da presença do governador em exercício Almino Affonso, do presidente nacional do PMDB, Jarbas Vasconcelos, do presidente regional da legenda, o deputado federal Aírton Sandoval, dos secretários de estado Alberto Goldman, da Administração, e Alda Marco Antônio, do Menor, a festa peemedebista não conseguiu reunir mais do que 700 pessoas, num cinema com capacidade de 1500 lugares.